

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Perantim Class.: TMR 00001

Data: nov/79 Pg.: 07

ÍNDIOS QUE NÃO EXISTEM NO MAPA DA FUNAI QUEIMAM CASA DE GRILEIROS

O território dos índios **Tenharim**, situado entre os Km. 120 e 150 da Transamazônica, próximo à Humaitá-Am., está sendo todo retalhado por grileiros e serrarias, com a cumplicidade de órgãos do próprio Governo, como o IBDF, INCRA e até mesmo a FUNAI, contando ainda com a conivência de duas norte-americanas. Revoltados, os índios já arrancaram placas colocadas pelos intrusos e para provar que existem queimaram uma casa de aventureiros perto de uma pedreira.

No mapa da FUNAI, feito pelo DGPI, os **Tenharim** nem sequer aparecem como donos do território, mas devido à pressão dos índios e da igreja local, recentemente o sr. Apoena Meireles, delegado regional da 8ª Delegacia da FUNAI com sede em Porto Velho, chegou a denunciar ao presidente da entidade que o IBDF assinou contratos com dois empresários sulistas para explorarem madeira na área dos **Tenharim**.

GRILEIROS "GRILADOS"

"A grilagem é a nova epidemia, surto da abertura de estradas, que mata às vezes mais que a malária" nos diz o pe. José Antonio Sagües, missionário salesiano da Prelazia de Humaitá, encarregado da Pastoral Indigenista, que trabalha com os índios **Tenharim** e os **Mura-Pirahã**; o trabalho do pe. Sagües se baseia num profundo respeito às culturas

indígenas e na encarnação evangélica.

A grilagem da área não é coisa nova. Começou com um tal senhor Delfim Bento da Silva, morador da Barreira do Uruapiara no rio Madeira, que nas suas incursões de comerciante-regatão de produtos regionais penetrou as matas subindo pelo rio Marmelos.

Este regatão português, sr. Delfim, além dos produtos regionais, explorou a mão-de-obra barata dos **Tenharim**, patrimônio herdado por seu filho Evandro, que muitas vezes se negou a pagar o saldo dos índios, chegando a ameaçar de morte o líder **Tenharim**, de nome Macedo, que o denunciou à Polícia.

Em 1972 apareceu na área um tal de Joel, empregado da Paranapanema, que se dizia empreiteiro de uma companhia de construção de pontes, mas que na verdade, em conluio com o sr. Evandro, vendeu muitas terras dos **Tenharim**. O comprador da área indígena localizada nos kms. 146 e 149 perto do rio Mafui é o sr. Arlindo Marmentini, paranaense que já possui uma fazenda na estrada de Humaitá a Porto Velho, de 30 kms.

Arlindo montou uma serraria junto com Nelson Marmentini e seu cunhado Eduardo Waldomiro Catasso, numa área que foi ilegalmente liberada pelo IBDF. Em 1977 um novo intruso vindo de Manaus, sr. Plínio, começou a fazer pesquisas minerais, utilizando até mesmo avião.

Há alguns meses, nova serraria, vizinha da primeira, começa a funcionar dentro da área indígena, também liberada pelo IBDF, de propriedade de Nelson Marmentini, contado com 10 operários.

RESISTÊNCIA INDÍGENA

Os tuxauas Alexandre e Luís já fizeram mais de 5 viagens até o 8º Delegacia da FUNAI em Porto Velho, ouvindo do antigo delegado Dêlcio Vieira promessas e mais promessas. A FUNAI só se fez presente, quando foi chamada para medicar os índios, mas nunca se preocupou com a demarcação de terras. Os líderes indígenas acompanhados do pe. Sagües, foram à Polícia Federal, mas foram avisados que esta só podia intervir com um ofício da FUNAI. "Só quando houver mortes a FUNAI e a Polícia vão intervir" exclamou decepcionado o pe. Sagües.

Dois norte-americanas do "Summer Institute of Linguistics", Helen e Laverá, diante da invasão, pedem aos índios paciência, mas também nada fizeram para impedir a invasão. Revoltados, os índios começaram a arrancar as placas de propriedade colocadas pelos grileiros, substituíram por outras placas de madeira pintadas com o nome **TENHARIM** e incendiaram uma casa de aventureiros situada próxima a uma pedreira. O Diretor do INCRA em Humaitá, alegando que não quer

se comprometer, jurou que não permitiu o loteamento da área por ninguém.

QUEM SÃO OS TENHARIM

No mapa feito pelo Departamento Geral de Patrimônio Indígena (DGPI) da FUNAI, mostrado pelo diretor do INCRA em Humaitá, não aparecem nem na Prelazia de Humaitá nem em toda a região nenhuma referência aos **Tenharim**.

No entanto, tanto Eduardo Galvão que em 1960 fez uma classificação das áreas culturais indígenas do Brasil, como Darcy Ribeiro localizaram já os **Tenharim** - subgrupo **Parintintin** - na área Cultural Indígena Tapajós-Madeira.

Conhecidos também como "Boca-Preta", a nação **Tenharim** já tinha o seu celeiro perto do rio Mafui, terra de posse imemorial, dos seus avós. Desta nação nos dá notícia Manuel Urbano da Encarnação, em seu relatório da viagem exploratória que fez pelo rio Madeira há cerca de quase 120 anos, no século passado.

Atualmente, os **Tenharim** mantem roças, bananais, castanhais, seringais e fruteiras diversas plantadas: laranjeiras, mangueiras, goiabeiras e até café. As serrarias lá instaladas nos últimos anos estão acabando com a mata mais antiga dos **Tenharim**, que se organizam para exigir a demarcação de suas terras.